

“Eu fica fora de mim”: algumas questões relativas à despersonalização

Paula Patrícia S. N. Francisquetti

O texto é uma reflexão psicanalítica sobre a problemática da despersonalização, sobretudo na melancolia, tendo como referências Sigmund Freud, Bernard Penot e Marie-Claire Lambotte.

“Fora de si

Eu fico louco

Eu fico fora de si

Eu fica assim

Eu fica fora de mim

Eu fico um pouco

Depois eu saio daqui

Eu vai embora

Eu fico fora de si

Eu fico oco

Eu fica bem assim

Eu fico sem ninguém em mim”

ARNALDO ANTUNES

As vivências de estranhamento, de desrealização, de despersonalização, de perda de si, daquilo que se acreditava ser, são muitas vezes assustadoras. Elas têm intrigado os psicanalistas desde Freud, que nos relata uma experiência

pessoal de estranhamento e desrealização na linda carta que envia a Romain Rolland, em 1936, em que descreve seu transtorno na Acrópole.

Alguns psicanalistas relacionam momentos de despersonalização com a psicose. Nasio, por exemplo, no livro *Um psicanalista no divã* comenta que para ele um esboço de despersonalização é um primeiro passo em direção a um diagnóstico de esquizofrenia embrionária. Para ele, um indício seria o paciente lhe dizer: “Sim, algumas vezes olho minha mão e a sinto estranha a mim”.¹

A associação com a psicose não deve ser descartada, mas é importante considerar outros aspectos. Sabe-se, desde Freud, que essas vivências de estranheza, como a desrealização e a despersonalização, podem estar presentes nas diferentes estruturas e quadros clínicos (neurose, psicose, perversão, problemáticas narcísicas, melancolia, transtorno do pânico). Ele

Paula Patrícia S. N. Francisquetti é psicanalista e psiquiatra, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

As vivências de estranheza
são descritas por Freud
como sensações, processos
complexos vinculados
com determinados
conteúdos e relacionados
com decisões relativas
a esses conteúdos.

próprio descreve uma vivência de desrealização na carta citada acima.

Neste texto privilegiamos a despersonalização na melancolia. Sabemos, no entanto, que os fenômenos da estranheza podem aparecer em outros contextos.

Um impasse narcísico

Na Acrópole, em companhia de seu irmão, Freud tem um estranho pensamento. Ele se surpreende com a existência da Acrópole tal como havia estudado na escola, e por momentos duvida da sua existência, apesar das provas em contrário. Na carta de 1936, Freud se pergunta como podemos rechaçar algo da realidade que nos dá prazer (no caso dele, a viagem à Atenas com o irmão). Mas não era tudo só prazer, era difícil para Freud estar diante da realidade que era a de ir mais longe que seu pai; seria lícito desejar ultrapassar o pai?

As vivências de estranheza são descritas por Freud como sensações, processos complexos vinculados com determinados conteúdos e relacionados com decisões relativas a esses conteúdos. Ele diz que essas sensações podem ser experimentadas de duas maneiras: “ora uma parte da realidade nos parece estranha, ora uma parte de nosso próprio ego”.² Quando é a realidade que parece estranha, trata-se de uma desrealização; quando é o próprio ego que parece estranho, Freud fala em despersonalização.

Os fenômenos da estranheza são correlatos a um processo de defesa. Mas qual mecanismo de defesa estaria em jogo? Outra característica dos estados de estranheza, para Freud, seria sua dependência, sua relação para com o passado. E, no contexto metapsicológico, é às instâncias parentais que esses fenômenos nos levarão.

Freud ao passar pela vivência de estranhamento deparou-se com

uma verdadeira “sinuca”, pois por um lado dizer “não” à Acrópole e ao helenismo seria negar e mesmo amputar todo um capital cultural e espiritual; por outro lado, dizer “sim” seria renegar alguma coisa insubstituível do lado de seu representante paterno (judeu).³ Para Penot, tratar-se-ia de um impasse narcísico diante de uma decisão impossível, como poderia Freud não manter sua obediência ao representante paterno?

As vivências de estranheza seriam “um modelo particular de ato falho...”, diz Penot. Que modelo particular de ato falho seria este? Qual seria a falha?

Penot aponta que nos fenômenos da estranheza não nos deparamos com o recalçamento, mas com a rejeição, com a recusa. Diferentemente de um recalçamento em que o sentido retorna através, por exemplo, do sintoma (por meio do deslocamento e da condensação), a rejeição indica uma abolição de sentido; portanto a falha, o ato falho particular, que teria a ver com uma falha no simbólico⁵ e não com o retorno do recalçado, como num sintoma clássico.

As vivências de estranhamento na melancolia. O olho mau. A despersonalização em foco

No livro *O discurso melancólico*, Marie-Claude Lambotte apresenta um estudo minucioso sobre a melancolia, e nele encontramos um capítulo muito interessante dedicado ao estudo da despersonalização. É importante realçar que para esta autora a melancolia pertenceria ao quadro das neuroses narcísicas, como proposto por Freud, em 1924, e não pertenceria nem ao campo das neuroses, nem das psicoses; portanto, aqui a despersonalização se daria no contexto de uma neurose narcísica.

A pesquisa de Lambotte aponta que a gênese da melancolia estaria num tempo pré-especular, tal é

Haveria
no melancólico
uma certeza
de ter sido
ferido,
abandonado,
lesado.

o transtorno de imagem presente nesta patologia. A imagem especular é difícil de definir, frágil e associada à rigidez de um modelo ideal exterior. O melancólico estaria às voltas com as bordas do vazio, faltaria a ele uma imagem para representá-lo. Para a autora, na melancolia haveria um buraco no psiquismo, faltaria uma moldura de reconhecimento. E ainda: “atrás do espelho, tentamos elaborar o cenário propício à constituição da estrutura melancólica na reação primária de defesa contra os efeitos de uma catástrofe: a da desaparecimento do desejo no outro, já que este outro é quem deveria iniciar o objeto na dialética do desejo”.⁶

Na melancolia podem ocorrer impressões de estranheza relacionadas com o corpo, com a própria fala e ao sentimento de existir. Neste caso a impressão de não poder existir é porque não há espaço, pois todo ele está ocupado por uma imagem referencial onipresente. Faltou

fazer um contorno, faltou investimento numa imagem que pudesse ser apropriada pelo sujeito, faltou introduzir o sujeito na dialética do desejo. E em decorrência desse buraco na vivência, o sujeito pode inclusive perder os contornos de sua própria imagem, sua consistência e sua capacidade de se reconhecer. Uma paciente de Lambotte temia olhar-se no espelho por medo de ver nele os traços de sua mãe.

Eu mesma lembro de um exemplo de perda de contorno da própria imagem: uma paciente me dizia não conseguir reconhecer-se ao se olhar no espelho, pois para ela aquela imagem parecia ser de outra pessoa.

Lambotte relata que com frequência os pacientes têm a impressão “de ocupar um lugar à parte, inteiramente excepcional, à margem das leis gerais do mundo e totalmente incompreensível para os outros”.⁷ Sentimento de uma falta originária. Haveria uma certeza no melancólico, de ter sido ferido, abandonado, lesado; e nisso ele tem razão, ele ficou numa espécie de lacuna, vazio, buraco. “E a imagem de uma mãe aterrorizadora, dotada de um poder destrutivo que decide sobre a vida e a morte do sujeito, parece anulá-lo com todo o seu peso”.⁸

Uma das pacientes de Lambotte tinha a impressão de invasão junto à sua mãe, a ponto de perder, numa vaga angústia, o sentimento de existir. O sentimento de aniquilamento de si é comum nesses pacientes. Outra paciente de que lembro temia aproximar-se da mãe e ser esmagada por sua presença.

O corpo constitui-se através do olhar de um outro e também por identificação com a maneira pela qual esse outro considera seu próprio corpo. A apropriação e a exploração do corpo estão na dependência dessa relação com o outro. Na melancolia, a própria existência do sujeito fica ameaçada, e a exploração do corpo não está au-

torizada. Uma mãe destrutiva, “picotadora” vive dentro do melancólico e o impede de viver.

A aversão e o ódio a si mesmo, que vive o melancólico, seriam a indiferença e o ódio de um outro a que o sujeito teria se identificado. A perda do objeto só viria a aumentar esse ódio. “Ódio e desconhecimento do próprio corpo proviriam da introjeção do *olho mau* como um corpo estranho todo-poderoso que se teria instalado no lugar do sujeito desde seu nascimento, e mesmo, sem dúvida, desde sua concepção”.⁹

Este *olho mau*,¹⁰ esta mãe destrutiva, alimenta a compulsão em negar a própria existência. O sujeito melancólico vive uma tentativa de reparação de uma falta, uma falta originária. Aqui a despersonalização seria o extremo e a consequência “do processo de desinvestimento do corpo – ligando precisamente a falha do amor de si ao impacto do modelo ideal, cuja pregnância não pára de entranhar o indivíduo melancólico”.¹¹

Lambotte acrescenta que na melancolia encontramos pacientes com perda e vacilação da imagem de si, inclusive com perda de contorno e de consistência do próprio corpo. Podem atingir uma espécie de dissociação. Por exemplo: numa sessão, uma paciente me disse que se sentia sem corpo, como se ele tivesse ido embora, assim como suas referências, sua história. Viviam como uma espécie de fantasma às avessas, com um corpo sem alma, ou seja, com um corpo lacuna, buraco.

A impressão de estranheza deixa o melancólico desconfortável, pouco à vontade, e mesmo como que espantado diante de um corpo que considera estranho, não próprio. Isso não deixa de ter um impacto sobre o analista, que se vê diante de um corpo se esvaindo.

Lambotte cita uma paciente que tinha a impressão de sempre estar à parte de seu corpo e de vestir uma roupa de cosmonauta.¹² Lembro de outra paciente que ves-

Na despersonalização,
a imagem do corpo está posta
à prova, assim como o sentimento
de existir: a própria fala e
a imagem do corpo vacilam.
Haverá algo de estranho
no próprio corpo,
algo que se quer excluir?

tia sempre uma mesma roupa, uma espécie de uniforme, pois só assim conseguia se sentir mais adequada. Não podia vestir outro tipo de roupa. Essa era sua cobertura, sua capa protetora e o que lhe dava algum contorno e consistência.

Podemos pensar que essas pacientes acima citadas não teriam tido as referências para a constituição de uma imagem de si mais estável e consistente. Seria possível pensar que o melancólico vê recusada a possibilidade de ser ele mesmo e de habitar seu corpo?

Curiosamente, todas as pacientes citadas são mulheres. As mulheres estariam mais predispostas à melancolia? Sabemos, a partir de “Luto e Melancolia”¹³, que a predisposição à melancolia, em grande parte, depende do tipo narcisista de eleição de objeto, o tipo de eleição de objeto mais característico das mulheres. Esse tema dá margem a outra pesquisa, fora do âmbito de nosso texto.

É importante salientar, como nos aponta Lambotte, que há diferenças entre um episódio de despersonalização psicótico e um episódio de estranheza melancólico. No caso da melancolia, não há uma despersonalização estrutural, como na psicose; a capacidade de memorização permanece intacta, assim como o *eu profundo*, apesar de uma desapropriação do passado. Partindo de Shilder¹⁴, Lambotte nota que se trata de uma dissociação, de uma desconexão entre o eu central e o si. Na clínica, observamos como o melancólico apresenta uma terrível consciência de seu estado de dissociação.

Um corpo que vacila...

Vivemos uma mudança brutal na relação com o corpo. Hoje há uma possibilidade de transformação, através do uso da tecnologia, de forma antes inimaginável, bem

como um aprisionamento a certos ideais de beleza, de saúde e bem estar. Para a medicina o que era antes ficção, já é uma realidade, como as plásticas de todo o tipo, implantes, mudança de sexo, transplantes, inseminação artificial, etc. Já se fala em corpo pós-orgânico, habitante de um mundo onde a tecnologia não é mais possibilidade de potencializar as capacidades do corpo, mas de transcender a condição humana e de superar as limitações impostas pela organicidade.¹⁵ Qual a consequência disso tudo para as subjetividades? Tudo isso levaria a uma proliferação de episódios de despersonalização?

Sabe-se que a imagem do corpo se constrói a partir do olhar materno, e isto permite ao sujeito, “não somente apreender no espaço as linhas de sua silhueta (o esquema corporal), mas também concentrar aí sua libido e investir o conjunto de seu corpo. Libido, exploração e conhecimento do corpo são, portanto, inteiramente devidos do olhar que o outro compassivo dirige para as primeiras emoções do sujeito.”¹⁶

Na despersonalização a imagem do corpo está posta à prova, assim como o sentimento de existir: a própria fala e a imagem do corpo vacilam. Haverá algo de estranho no próprio corpo, algo que se quer excluir? Ou se trata de algo que não foi incluído, simbolizado, integrado, que não ganhou consistência, que não pode tomar forma? O que teria falhado no campo do narcisismo, no campo do olhar materno?

E quando o homem acrescenta a si uma máquina, um simples marca-passo ou mesmo um órgão transplantado, o que acontece? Como lidar com algo estranho ao corpo, mas que promete o prolongamento da vida?

O eu é feito de outros, mas há toda uma passagem, muitos processos em jogo, tais como a incorporação, a introjeção e a identificação¹⁷ correspondendo a diferentes níveis

de organização da subjetividade. Como a despersonalização atinge o eu e o corpo? Como ela atinge esses diferentes níveis de organização da subjetividade?

Nem sempre o eu e o corpo coincidem, é o que nos diz Piera Aulagnier¹⁸. O corpo ou algo no corpo pode parecer estranho ao eu. Passamos a vida nos apropriando de nosso corpo, lidando, por exemplo, com as transformações impostas pelo tempo, no caso de muitas mulheres pela maternidade, por possíveis doenças, acidentes.

A intrigante Orlan...

Por outro lado, temos Orlan, a artista mutimídia francesa, famosa por suas obras cirúrgicas. Sabemos que ela incorporou em sua própria pele, através de performances cirúrgicas, diversas imagens da história da arte, como o nariz de Diana, a boca de Europa, a frente de Mona-

lisa, o queixo de Vênus e os olhos de Psiquê. O que ela tem a nos dizer sobre a despersonalização, ela que abandonou sua imagem original e a trocou por outras?

O estranho, o estrangeiro aqui não é rechaçado, mas incluído como algo de próprio? Orlan deixa de ser ela mesma, quando se transforma em outras? Ela mesma não é esse *pot-pourri*, essa colagem de imagens de mulher de várias épocas? Seu corpo é obra de arte que provoca estranhamento, estarrecimento no outro, no espectador. Será que esse estranhamento tem a ver com o fato de que ela nos expõe de forma contundente, somos feitos de outros?

Orlan faria uma espécie de recostura, no real, de si? A artista mostra uma extrema exploração de seu próprio corpo, muito diferente dos melancólicos, que não se permitem existir, explorar e conhecer o próprio corpo, e ficam como reféns da figura todo-poderosa materna. Em Orlan haveria liberdade ou sacrilégio?

A artista mostra
uma extrema exploração
de seu próprio corpo,
muito diferente dos melancólicos,
que não se permitem existir,
explorar e conhecer o próprio
corpo, e ficam como reféns
da figura todo-poderosa
materna. Em Orlan
haveria liberdade
ou sacrilégio?

“O ser humano está além da própria pele, da própria imagem? Orlan desprende-se de sua imagem original, de seu corpo original e cria novos *habitats*. Ser em pele estrangeira, ser com os olhos de Psiquê. Quer experimentar novas formas de ser? A artista atribui-se o direito de recortar seu corpo. Toca em território sagrado, faz uma profanação. A intervenção não é mais justificada pelo viés da saúde e da doença, pelas quais a medicina sempre justificou sua ação... Se a identidade se ancora no corpo e na imagem, Orlan levanta a âncora e vai navegar por mares desconhecidos. Mas o que possibilitaria um corpo mudar tanto sem enlouquecer? Nômade em seu próprio corpo, não haveria um ponto de ancoragem, mas muitos diferentes. Ela brinca com certezas sobre a identidade: até que ponto se é capaz de reinventar o corpo e sua imagem?”¹⁹

O espelho

“Tudo, aliás, é a ponta de um mistério”.

JOÃO GUIMARÃES ROSA²⁰

Há um lindo conto chamado “O Espelho”, no livro *Primeiras Histórias* de João Guimarães Rosa, em que o narrador faz especulações sobre sua imagem no espelho, ou melhor, parte à caça de seu aspecto formal. Diz ele: “comecei a procurar-me – ao eu por trás de mim – à tona dos espelhos.”²¹

Resolve proceder a um bloqueio visual, a uma anulação perceptiva de tudo aquilo que se interpenetrava no seu rosto, tudo aquilo que era *outro* na sua imagem. Era principalmente “no *modus* de focar, na visão parcialmente alheada, que eu tinha de agilitar-me: olhar não-vendo. Sem ver o que, em *meu* rosto, não passava de *reliquat* bestial”²².

Pouco a pouco, aparecia no espelho, diante do protagonista do conto uma figura lacunar, esbura-

cada, esponjosa e escura. Finalmente, um dia: “Simplesmente lhe digo que me olhei num espelho e não vi nada. Não vi nada. Só o campo aberto, liso, às vácuas, aberto como o sol, água limpíssima, à dispersão da luz, tapadamente tudo. Eu não tinha formas, rosto? Apalpei-me em muito. Mas, o invisto. O ficto. O sem evidência física. Eu era – o transparente contemplador?... Tirei-me. Aturdi-me, a ponto de me deixar cair numa poltrona”²³.

Diante do espelho, nem seus olhos via mais. Perguntava a si mesmo se não haveria nele uma existência pessoal, autônoma, própria. Ressoa a pergunta: “Seria eu um... des-alvado?”²⁴

Tempos depois, pôde ver uma luz tênue, nos termos do autor, em débil cintilância, radiância. O narrador, no final do conto, depara-se com um rosto, um rosto ainda-nem-rosto. “Quase delineado, apenas-mal emergindo, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal. Só”²⁵.

Ressoa a pergunta pela qual enveredaram muitos filósofos: o que seria o eu, afinal? Que luz tênue é essa que nosso narrador vislumbra no final do conto? Ela teria a ver com o brilho do olhar materno dirigido ao *infans*?

O eu, então, seria o outro? Não haveria uma existência pessoal, autônoma, própria? Lacan acrescenta à famosa frase de Rimbaud, “Eu é um outro”²⁶, a importante pergunta: que outro é esse, afinal? O psicanalista francês, lança a pergunta: “O outro, o que é que o senhor quer dizer com isto? – é seu semelhante, seu próximo, seu ideal de (eu), uma bacia? Isso tudo são outros”²⁷.

O pensamento ocidental foi se afastando da idéia do eu como substância. “O sujeito não é sua inteligência, não está no mesmo eixo, é excêntrico”²⁸. A partir de Freud, o sujeito não é mais assimilável ao eu-consciência, mas é o sujeito do inconsciente.

“O inconsciente escapa totalmente a este círculo de certezas no

qual o homem se reconhece como um eu. É fora deste campo que existe algo que tem todos os direitos de se expressar por eu e que demonstra este direito pelo fato de vir à luz expressando-se a título de eu.”²⁹ Aquilo que numa análise é o mais não-reconhecido no campo do eu, chega a formular-se como sendo (eu) propriamente dito.

Podemos fazer um paralelo entre o conto de Guimarães Rosa e o processo analítico, no qual nos confrontamos com esses outros em nós, e nos perguntamos afinal quem somos. E essa pergunta não nos leva necessariamente a uma despersonalização. A loucura, segundo Lacan, seria acreditar que nós somos nós. Seria ingênuo aquele que acredita ser ele, ele mesmo.

A despersonalização teria a ver com o desencadeamento de um processo desidentificatório que abala a imagem do corpo próprio. Ela se precipita numa queda, podendo ocorrer uma vacilação momentânea ou mais duradoura. Mas tanto na despersonalização como na interrogação referente a quem somos nós há vertigem. A boa sorte é quando podemos chegar ao informe, a esse rosto ainda-nem-rosto e ainda recriá-lo. ■

“Os olhos da gente não têm fim”

JOÃO GUIMARÃES ROSA³⁰

NOTAS

1. J. D. Nasio, *Um Psicanalista no Divã*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p. 27.
2. S. Freud, “Um transtorno de la memoria en la Acropolis”, (1936), in: *Obras Completas*, 4ª ed.,

3. B. Penot, *As Figuras da Recusa-Aquém do Negativo*. Artes Médicas, 1992, p. 72 e 75. Freud pôde ler, na *Bíblia de Philippon* oferecida por seu pai, as famosas *Crônicas Macabéias*, epopéia da resistência judaica contra a aniquilação (o genocídio cultural) programada pelo poder helenístico.
4. *Idem*.
5. *Idem*, p. 41. O simbólico tal como proposto por Lacan. Para Penot, no livro citado, tanto a recusa como a forclusão situam-se do lado da abolição simbólica, mas no caso da forclusão essa abolição recai especificamente sobre a figura paterna. “Pessoalmente, eu teria a tendência a conservar o termo forclusão para designar o caso da figura (extrema) de uma não admissão, de significação invalidante, no plano simbólico, do representante paterno, como possível suporte da mentalização de um sujeito, particularmente de toda a metaforização de sua experiência primária”.
6. M. C. Lambotte, *O Discurso Melancólico*, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 1997, p. 21.
7. *Idem*, p. 156.
8. *Idem*, p. 158.
9. *Idem*, p. 160-161.
10. *Idem*, p. 160.
11. *Idem*, p. 161.
12. *Idem*, p. 162.
13. S. Freud, “Duelo y melancolia”, (1915), in: *Obras Completas*, 4ª ed., tomo II, Madri, Biblioteca Nueva, 1981.
14. M. C. Lambotte, *op. cit.*, p. 168.
15. P. Sibilia, *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*, Coleção Conexões, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.
16. M. C. Lambotte, *op. cit.*, p. 159.
17. A *incorporação* se refere ao eu-real originário, em que, com o retorno da força pulsional sobre o organismo e a transformação da atividade em passividade, a pulsão toma corpo literalmente, isto é, se encarna. A *introjeção*, às vezes denominada identificação primária, remete ao registro do eu-prazer/desprazer e à unidade narcísica do corpo. O corpo real originário se remaneja a partir do falo, condição de possibilidade do recalque originário e da instauração da economia narcísica de equivalência dos prazeres. A *introjeção* se articula então pela ordem fálica, em que ocorre a transformação dos traços em inscrições. A *identificação* se relaciona ao eu-realidade definitivo, em que se estabelece o registro da diferença sexual e onde o corpo assume novas insígnias simbólicas, o que corresponde às identificações secundárias de certos autores.” J. Birman, *Mal-estar na atualidade: Psicanálise e as novas formas de subjetivação*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999, p. 65-66.
18. J. McDougall *et al.*, “Narcisismo de um corpo, nascimento de uma história”, in: *Corpo e história*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001.
19. S. L. Alonso, A. C. Gurfinkel, D. M. Breyton (orgs.), “O corpo: campo de batalha contemporâneo”, in: *Figuras do feminino no mal-estar contemporâneo*, São Paulo, Escuta, 2002, p. 69.
20. J. G. Rosa, “O Espelho”, in: *Primeiras Estórias*, 15ª edição, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001, p. 119.
21. *Idem*, p. 122.
22. *Idem*, p. 124-425.
23. *Idem*, p. 126.
24. *Idem*, p. 126.
25. *Idem*, p. 119-127.
26. J. Lacan, *O seminário*, livro 2, “O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise”, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985, p. 14.
27. *Idem*, p. 15.
28. *Idem*, p. 15.
29. *Idem*, p. 15.
30. J. G. Rosa, *op. cit.*, p. 123.